



AMÉRICAS / Em meio à disputa pelo poder, Claude Joseph cede à pressão internacional e renuncia ao cargo de premiê. O médico Ariel Henry, nomeado pelo presidente Jovenel Moïse dias antes do assassinato, assume hoje como primeiro-ministro e deve marcar eleições

Haiti acelera transição

» RODRIGO CRAVEIRO

Trze dias depois do assassinato do presidente haitiano, Jovenel Moïse, o primeiro-ministro interino Claude Joseph anunciou ao jornal *The Washington Post* que renunciará e entregará o cargo a Ariel Henry. O neurocirurgião de 71 anos, designado por Moïse dois dias antes do crime, terá a missão de comandar o Haiti e de organizar eleições presidenciais, parlamentares e locais. Até lá, a figura de presidente ficará vaga. “Faço isso em honra ao último desejo do presidente”, declarou Joseph, que assumirá a pasta das Relações Exteriores. A decisão do premiê interino põe fim à disputa de poder entre os dois líderes. “Todos sabem que não estou interessado nessa batalha, nem em nenhum tipo de tomada de poder. O presidente era um amigo para mim. Estou apenas interessado em buscar justiça para ele”, acrescentou.

Os Estados Unidos elogiaram o acordo. “É encorajador ver os atores políticos e civis haitianos trabalhando para formar um governo de unidade, que pode estabilizar o país e lançar as bases para eleições livres e justas”, afirmou o porta-voz do Departamento de Estado, Ned Price. “Estamos colaborando com todas as partes interessadas relevantes no Haiti para promover o diálogo inclusivo e a governança baseada em consenso.”

Em seu artigo 149, a Constituição da República do Haiti, firmada em 1987, estabelece que, em caso de ausência do presidente, novas eleições devem ser realizadas no intervalo de 45 dias a 90 dias a contar da vacância do cargo. Neste caso, a Carta Magna determina novo pleito entre 21 de agosto e 7 outubro. Henry, o novo premiê, acumula vasta experiência política: foi ministro do Interior, ministro dos Assuntos Sociais e Trabalho, membro do gabinete do Ministério da Saúde Pública e chefe da equipe do governo.

Elinet Daniel Casimir, doutor em estudos latinoamericanos e professor de análise política da Universidade do Estado do Haiti, admitiu ao **Correio** que a costura política entre Claude Joseph e Ariel Henry é “justa e eficiente para uma transição tranquila”. “Para mim, trata-se de um acordo entre os atores da crise, detentores de muito poder, para preservar Claude Joseph no poder. Ele guardará suas funções no governo, no posto de ministro das Relações Exteriores. Por um lado, foi um pacto entre Moïse e o premiê designado, Ariel Henry. A decisão do presidente é respeitada com esse acordo”, avaliou.

O estudioso prevê uma batalha entre todos os atores políticos do Haiti. “Eles não se mostram capazes de en-

Valérie Baeriswyl/AFP



Com bacia sobre a cabeça, mulher atravessa rua movimentada de Porto Príncipe: capital sob suspense após a morte de Jovenel

Valérie Baeriswyl/AFP



Claude Joseph: “Não estou interessado na batalha pelo poder”

Twitter/Reprodução



O neurocirurgião Ariel Henry: vontade de Moïse respeitada

contrar uma saída, um consenso político para governar o país. Muitos deles, sobretudo da classe democrática, não se metem com aqueles que detiveram o poder até o assassinato de Moïse. Duvido que dos diálogos possa sair uma solução coletiva e comum”, disse Elinet. “Caso as negociações demorem, a comunidade internacional vai impor uma saída baseada em um presidente e um premiê. Não se descarta nova ocupação militar.”

Morador de Porto Príncipe, o advogado, jornalista e ativista de direitos humanos Antonal Mortime não tem esperança de tempos melhores com a tran-

sição. “Talvez seja uma nova etapa na crise política. A oposição aproveitará para ancorar o poder efetivo, mas Henry não será bem-sucedido na organização de eleições legislativas e presidenciais. É impossível fazer isso sem um acompanhamento da Organização das Nações Unidas (ONU). Não há chance de estabilizar o governo e o país sem um acordo nacional entre os diferentes atores políticos, econômicos, religiosos e a sociedade civil”, afirmou ao **Correio**.

De acordo com Mortime, o assassinato de Moïse expôs o desequilíbrio na governabilidade. “Meu país vive uma crise de poderes. O Judiciário não funciona e o

Legislativo está inoperante desde janeiro de 2020. A situação envolve uma crise de governança assentada sobre políticas econômicas e sociais e sobre a tragédia sanitária causada pela covid-19”, explicou. O ativista aposta em uma pressão da ONU e da Organização dos Estados Americanos (OEA) para que as eleições ocorram em até quatro meses.

Jovenel, morto aos 53 anos por um comando armado, será sepultado na sexta-feira. A polícia do Haiti deve 20 ex-militares colombianos que trabalham como mercenários e disse ter descoberto um complô organizado por haitianos, incluindo um ex-senador.

Jose Carlos Argüello/AFP - 25/6/21



O esquerdista Pedro Castillo derrotou Keiko Fujimori: liderança fragilizada

Castillo é o novo presidente eleito do Peru

Terminou, na noite de ontem, um imbróglío político que durou 43 dias. Depois de um segundo turno contestado, com resultado bastante apertado, o presidente do Júri Nacional de Eleitores do Peru, Jorge Salas Arena, declarou o esquerdista Pedro Castillo Terrones como presidente eleito do Peru. “Proclamo presidente da República Don José Pedro Castillo Terrones”, anunciou, em breve cerimônia virtual. “Obrigado, povo peruano, por este histórico triunfo! Chegou o momento de chamar todos os setores da sociedade para construir, unidos, neste bicentário, um Peru inclusivo, um Peru justo, um Peru livre”, escreveu no Twitter. A direitista Keiko Fujimori, filha do ex-presidente Alberto Fujimori, reconheceu a derrota. O JNE concluiu a análise das impugnações e apelações da candidatura.

“Temos um presidente frágil, mas veremos como se formam as coalizões no Congresso. O Legislativo está muito fragmentado. Castillo tem 37 das 130 cadeiras e não poderá impulsionar nenhuma das reformas anunciadas na campanha”, disse ao **Correio** Milagros Campos Ramos, professora de direito constitucional da Pontifícia Universidad Católica de Peru. “Qualquer um que ganhasse não poderia aplicar seu plano, de governo por não ter votos suficientes para fazê-lo. Precisamos aguardar a definição do gabinete.” Castillo tomará posse no dia 28, quando termina o mandato do presidente interino, Francisco Sagasti, e dia em que o Peru irá comemorar o bicentário da independência. (RC)

ESPIONAGEM

Pirataria cibernética alerta o planeta

Dois escândalos de espionagem levaram indignação à comunidade internacional e ampliaram o debate sobre privacidade. Os EUA acusaram formalmente a China por um ataque cibernético massivo à Microsoft, enquanto Washington e aliados associaram Pequim a “atividade cibernética maliciosa”. A Casa Branca revelou-se “profundamente preocupada” com o fato de uma companhia de inteligência associada a Pequim ter contratado hackers para “operações cibernéticas não sancionadas em todo o mundo”. Isso incluiria extorsão e *ransomware* (ataques virtuais seguidos de pedidos de resgate em criptomoedas). Também ontem, surgiram detalhes sobre outro caso envolvendo o software malicioso **Pegasus**, fabricado pela companhia israelense NSO. Mais de 50 mil pessoas foram alvo do malware, incluindo 180 jornalistas, 600 políticos e 85 ativistas dos direitos humanos.

A alta comissão para os Direitos Humanos da ONU, Michelle Bachelet, defendeu uma melhor “regulamentação” das tecnologias de vigilância. “Sem estrutura regulatória que respeite os direitos humanos, há muitos riscos de que essas ferramentas sejam mal usa-

Invasão silenciosa

O malware Pegasus atua de modo silencioso. Uma vez inserido no celular, o programa exporta os dados do usuário (e-mails, mensagens, fotos etc) para páginas da internet criadas pela empresa israelense NSO. Esses sites são constantemente renovados para evitar a detecção pelos sistemas de segurança. Com mais de mil funcionários, a NSO vasculha falhas nos celulares para a invasão. Para dificultar a pirataria virtual, especialistas recomendam atualizar o sistema do telefone ou desligar o aparelho uma vez por dia.

das para intimidar críticos e silenciar aqueles que discordam”, disse Bachelet.

Em abril, Szabolcs Panyi, 35 anos, soube por dois colegas que teve o celular hackeado durante sete meses. “Frederik Obermaier e Bastian Obermayer, do jornal *Süddeutsche Zeitung*, pediram que criássemos uma linha de comunicação segura. Em maio, viajaram de Munique para Budapeste e me revelaram os detalhes”, relatou ao **Correio** o jornalista do Direkt36, um centro de investigação sem fins lucrativos. Panyi consta na lista de alvos do Pegasus.

Jack Guez/AFP - 28/8/16



Usuário segura iPhone diante da sede da empresa NSO, em Herzliya, perto de Tel Aviv

Panyi experimentou sentimentos mistos. “Fiquei ofendido por ter sido tratado como criminoso. O Pegasus é permitido contra terroristas e bandidos. Mas o envolvimento do meu nome representou um distintivo de honra. Meu governo pensou que sou interessante. As autoridades queriam saber em quais histórias estou trabalhando e quais são mais fontes”, contou ele, que denunciou corrupção na cúpula do governo de extrema-direita do premiê húngaro, Viktor Orbán. A partir de agora, Panyi vai usar somente comunica-

ção análoga e encontros presenciais. “Em Baku, capital do Azerbaijão, o ativista Samed Rahimli, 31, busca respostas. “Soube que meu nome estava na lista desde 2019”, disse ao **Correio** o advogado responsável por levar mais de 100 casos de seus país à Corte Europeia de Direitos Humanos. “O governo azerbaijano está interessado em estabelecer um controle absoluto sobre a sociedade civil livre. O Pegasus foi uma boa oportunidade para que governos tivessem metas de controle total.” Ele espera levar o caso à Corte Europeia. (RC)

» Eu acho...

“Fui espionado pelo Pegasus por sete meses. O Laboratório de Segurança da Anistia Internacional e o Laboratório do Cidadão da Universidade de Toronto confirmaram a espionagem, depois de duas análises forenses em meu iPhone. É um escândalo de proporções globais. Nos próximos dias, veremos mais nomes surgirem. Não somente de jornalistas, mas de chefes de Estado e de premiês.”
Szabolcs Panyi, 35 anos, jornalista investigativo de Budapeste

Andras Petho/Direkt36



“Não tenho exata noção sobre como fui vítima de espionagem via Pegasus. Planejo enviar meu telefone para a análise. Desde 2019 estou envolvido com a política. Fui candidato nas eleições parlamentares de 2020. Fiz oposição ao governo e a expressei por meio do Facebook e do Twitter. Sou liberal clássico, libertário. Talvez por isso tenham interesse em invadir meus dados.”
Samed Rahimli, 31 anos, advogado e ativista de direitos humanos baseado em Baku (Azerbaijão)

Arquivo Pessoal

